

JORNAL DOS CEGOS

REVISTA DE TYPHLOLOGIA

<p>REDACÇÃO Livraria Catholica Rocio—Lisboa</p>	<p>Director—BRANCO RODRIGUES — Redactor—ALVARO COELHO</p>	<p>PREÇO DO VOLUME Um anno—12 numeros 500 réis</p>
--	---	--

AOS NOSSOS LEITORES

«Oh! donnez-moi pour que je donne!
J'ai des oiseaux nus dans mon nid.
Donnez, méchants, Dieu vous pardonne;
Donnez, ô bons, Dieu vous bénit.»

VICTOR HUGO.

Em 1695 era pastor em Glaucha, perto de Halle, um sectario do pietismo¹, Augusto Hermann Francke. Um dia collocou na casa de entrada do seu presbiterio um mealheiro, a fim de que as almas caridosas lançassem nelle uma esmola para os pobres seus protegidos. Tres meses decorreram sem que ninguem se compadecesse dos desherdados da fortuna, até que alguém deitou no mealheiro quatro thalers e dezasseis groschen². Ao vê-los Francke exclamou cheio de enthusiasmo e fê: «É um honroso capital com que se deve fundar alguma obra boa: vou iniciar com elles uma escola para os pobres». No mesmo dia comprou por dois thalers livros que distribuiu a creanças indigentes e contratou um estudante pobre para lhes dar explicações promettendo pagar-lhe seis groschen por semana. As creanças pobres receberam os livros com grande alegria; mas dos 27 que Francke distribuira

¹ Seita fundada por Philippe Jacob Spener em 1670, a qual oppunha a piedade christã á intolerancia dogmatica dos Lutheranos orthodoxos.

² Um thaler valia cêrca de 960 réis e o groschen 32 réis.

só 4 voltaram; os outros tinham ficado com elles as creanças, ou haviam-nos vendido. Francke não desaminou em frente desta contrariedade; com os 16 groschen comprou novos livros, que desta vez serviriam só na escola e não os levariam as creanças para casa. E na Paschoa de 1695 abria a escola com este pobrissimo material. Pouco tempo depois os burgueses de Halle vendo o zelo com que eram leccionados os pobres pediam ao piedoso pastor para fazer os filhos seus explicandos; elle admitte-os; pagando-lhe cada alumno um groschen por semana. Com este recurso novo e com algumas dadivas, chama Francke novos estudantes para leccionar, dando-lhes casa e uma pequena remuneração, e a sua instituição progride de dia para dia.

Não é nossa intenção seguir passo a passo o desenvolvimento dessa bella obra de piedade christã; encontram as nossos leitores a sua historia em numerosos escriptos ou em qualquer historia da pedagogia¹.

Bastará dizer que ao morrer Francke, em 1727, deixava á cidade de Halle o mais glorioso dos institutos de educação e maior dos recolhimentos de orphãos que ainda hoje existe—a *Waisenhaus*.

O elogio dessa obra começada com um capital de cêrca de 4\$200 réis faz-se dizendo que em 32 annos, que tantos decorreram da sua fundação até á morte do seu egregio instituidor, ella crescera a ponto de abranger os seguintes estabelecimentos: 1) o pedagogio (escola normal) com 82 alumnos e 70 professores; 2) a escola latina com 3 inspectores, 32 professores, 400 alumnos e 10 empregados; 3) a escola burguesa com 4 inspectores, 98 professores, 8 professoras e 1:725 alumnos dos dois sexos; 4) o orphanado com 100 rapazes e 34 meninas e 10 vigilantes dos dois sexos; 5) o pensionato com 225 estudantes² e 360 alumnos pobres; 6) economato, pharmacia e livraria com 53 pessoas; 7) instituto para o sexo feminino com 23 raparigas solteiras e 6 viúvas. O que representa um total de mais de 3:000 adultos e creanças.

Fôra fundada em 1713 uma imprensa, que tambem existe ainda, e que até 1795 imprimiu 1.659:883 biblias, 883:890 exemplares do Novo Testamento e 16:000 exemplares dos Psalmos.

¹ Por exemplo: F. Adolpho Coelho, *As questões de ensino secundario na Prussia*. Revista de Educação e Ensino, anno vi, 1891, pag. 66, 136 e 193. — Karl Schmidt, *Geschichte der Pädagogik*, Dritte Auflage, vol. iii, pag. 456-479.

² Alumnos de escolas superiores.

O typo de escola que Francke estabeleceu para os pobres é a que ministra o que os allemães chamam: ensino real; os francezes: secundario moderno; os italianos: tecnico. É o ensino secundario que abstrahê das linguas classicas, substituindo-o pelas linguas vivas.

Embora o meio seja bem diverso e os tempos da fé e crença vivas passassem, o *Jornal dos Cegos* no seu quinto anno de existencia tenta implantar entre nós, com um capital exiguo, mas honroso, como o de Francke — o producto das suas assignaturas — uma instituição que attenuê quanto possivel a desgraçada situação do cego em Portugal.

A nossa tentativa não é movida, como a de Francke, só pelo simples sentimento de piedade christã; hoje, felizmente, as sociedades modernas encaram a protecção dos fracos já não como um simples sentimento de piedade, mas como alguma cousa mais elevada — o cumprimento de um dever social.

Não pode ainda o *Jornal dos Cegos* inscrever na sua bandeira o lemma da Associação Valentin Haüy: «*Dae trabalho e não esmola ao cego*»; mas diremos aos nossos leitores: *Levae o cego á convicção de que pelo trabalho conseguirá mais do que pela esmola.*

O *Jornal dos Cegos* entra hoje no seu sexto anno; ha cinco que vem lutando pela causa dos cegos, sem que as contrariedades que tem encontrado lhe hajam esfriado o enthusiasmo. Hoje, como em 1894, estamos dispostos a continuar a lucta em que nos empenhámos. As novas contrariedades que iremos encontrar dar-nos-hão novos alentos, em vez de nos abaterem o animo.

Só a escola especial, com o systema Braille, é capaz de ministrar o ensino ao cego; é preciso dar a este a educação manual que o habilita a ganhar a vida — são estas as affirmações que fazemos e que não teem nunca sido desmentidas, antes dia a dia são corroboradas, e esperamos vê-las num futuro proximo adquirir no nosso país os foros de cidade.

Até lá, pedimos aos nossos leitores que nos concedam, como nos teem concedido até hoje, a sua cooperação na nossa obra.

Hoje que a nossa esphera de actividade se alargou — e educamos os cegos, patrocinamos o seu trabalho e distribuimos soccorros aos indigentes, são-nos necessarios recursos para a podermos desenvolver.

Dos nossos leitores os esperamos e seja qual fôr a sua natureza serão bemvidos e alliviarão um pouco a desdita dos que não podem ver a luz.

MACHINA DE ESCREVER PARA OS CEGOS, DE EMILIO NOWÁK

São numerosas as tentativas para dotar o cego com um aparelho que lhe permita escrever, ou a escripta convencional (Braille, Wait, etc.), ou a escripta commum, quer plana, quer em relevo, mais rapida e commodamente do que com as pautas hoje usadas.

Essas tentativas não tem sido coroadas de bom exito por numerosas causas, das quaes as mais importantes são: o preço elevado dos aparelhos, a complicação do seu mechanismo, a difficuldade de aprendizagem do manejo, e, para os aparelhos que dão a escripta plana, o necessitarem da inspecção de um vidente, porque o cego não pode verificar se o aparelho escreveu ou não e se a escripta feita não contem erros.

Num artigo¹ acerca da escripta convencional e vulgar, o illustrado professor cego da Institution Nationale des Jeunes Aveugles, o Sr. E. Guilbeau, enumerando as qualidades que deve ter um aparelho dessa natureza, dizia:

«Um aparelho de escripta para os cegos requer multiplas qualidades: barateza, leveza, simplicidade e commodidade do manejo, segurança, rapidez e personalidade da escripta, visibilidade para o vidente e facilidade do cego ler o que escreveu.

«Ora nenhum aparelho conhecido tem todas estas qualidades, e é difficil conceber um que as possa reunir».

O sr. engenheiro e consul geral da Allemanha em Vienna, Emilio Nowák, acaba de inventar uma machina de escrever, que, se não possuiue todas aquellas qualidades, o que era impossivel, parece ter conseguido reunir o maior numero dellas, apresentando ainda uma outra que se lhes poderia accrescentar, a de servir ao vidente para communicar com o cego.

Devido á amabilidade do seu inventor, pode hoje dar o *Jornal dos Cegos*, uma gravura representativa desse aparelho, que se está construindo nas officinas da *Societé des Inventions* de Jan Szczepanik & C^o, de Vienna.

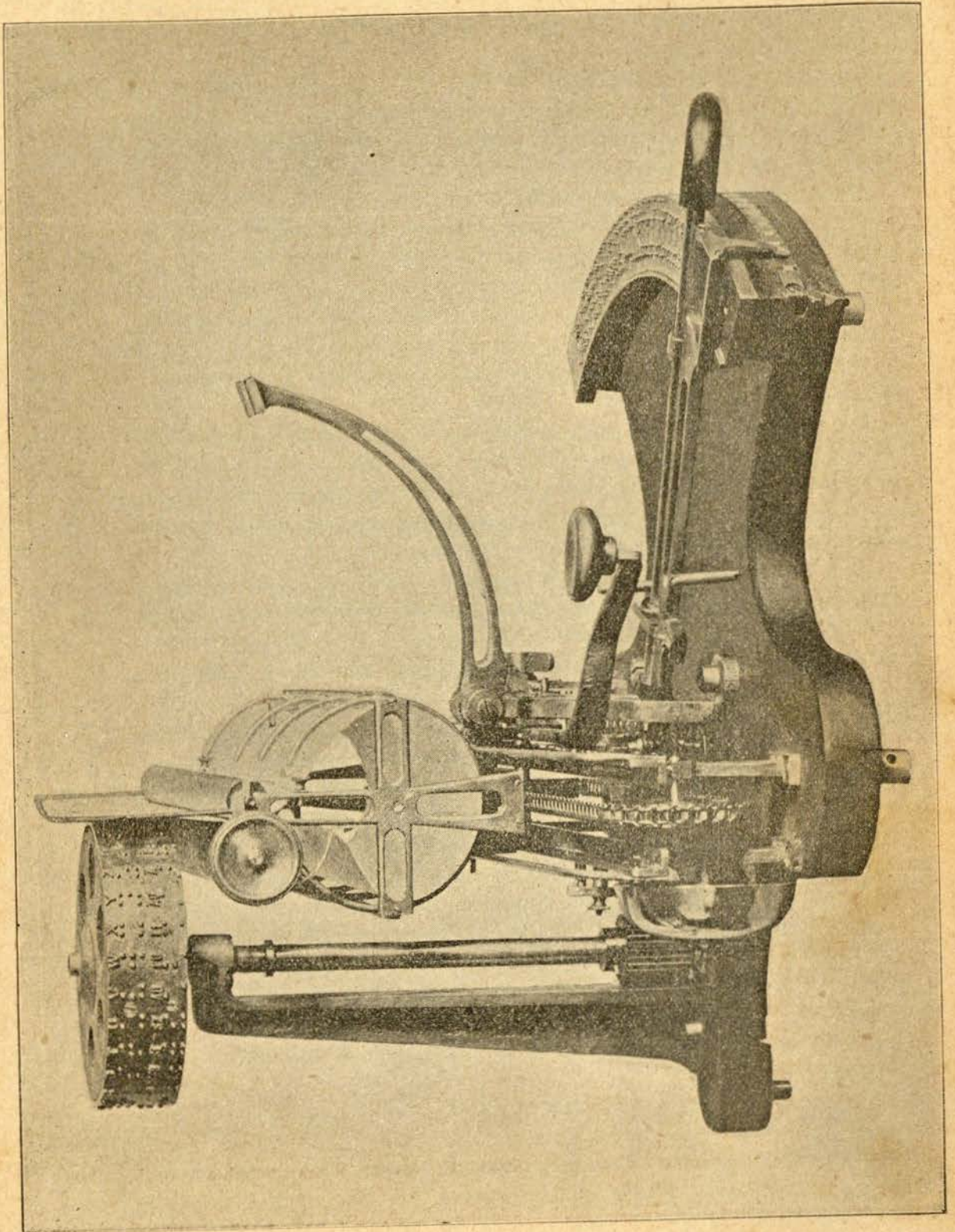
Como se vê da gravura, o aparelho possuiue uma só tecla, e a sua peça principal é um eixo montado verticalmente, na parte superior do qual existe um disco tendo na sua periphéria os relevos destinados a produzir a escripta Braille, ou letras latinas em relevo pontuado (systema Klein), podendo-se escrever, separada ou simultaneamente, uns ou outros caracteres.

Os caracteres Braille são gravados por pontas, convenientemente arredondadas, existentes no disco e sobre as quaes vem assentar o papel, que corre entre dois rolos, quando é percutido por um martello forrado de cautchuc.

Os cylindros em que se enrola o papel estão montados num pequeno carro com quatro rodas, que deslisam sobre dois carris. Abaixo dos cylindros ha uma especie de cesto formado por arcos de arame, que é destinado a recolher o papel.

A cada pancada do martello impressor o carro avança, automaticamente, o espaço de uma letra. O movimento do carro é produzido por uma cadeia, presa a elle, e que se engrena em duas rodas collocadas nos lados da machina.

¹ Traduzido no *Jornal dos Cegos*, vol. II, pag. 113, 121, 129 e 137.



O martello, depois de ter percutido o papel sobre o disco das letras, volta á posição de repouso pelo movimento de uma engrenagem dependente de uma das rodas collocadas aos lados da machina.

As letras veem collocar-se em frente do martello pelo movimento de uma alavanca, munida de um manipulo que percorre uma guia, com a forma de um segmento de circulo, na qual estão em relevo os caracteres Braille sobre os caracteres communs correspondentes, que servem para o vidente.

O manejo da machina é o seguinte:

O cego pega no papel com os indicadores e os pollegares de ambas as mãos pelos angulos do bordo inferior e fá-lo entrar na fenda, facilmente reconhecivel, produzida pela proximidade dos dois cylindros; guia-o com a mão esquerda, enquanto a direita move um botão que faz entrar o papel no cesto, até que o seu bordo superior fique á altura do disco.

Feito isto, a mão esquerda empurra o carro até encostá-lo por completo á direita. Está prompto o papel para se começar a escrever.

O operador segura então com a mão direita o manipulo da alavanca e com a esquerda a tecla do martello. A alavanca, cujo centro é o do segmento de circulo, tem, na parte que percorre este, uma abertura em que o cego introduz o indicador da mão direita, a fim de reconhecer os caracteres Braille, e pela qual olha o vidente, verificando se ella se encontra exactamente sobre a letra que deve ser impressa.

Quando a alavanca está collocada na posição exacta, uma ligeira pressão da mão esquerda sobre a tecla faz imprimir, perceptivelmente, no papel a letra desejada.

Os caracteres (Braille ou Klein) estão dispostos sobre o disco em ordem alphabetica a partir da esquerda do operador; uma pequena mola collocada junto da alavanca retém o disco de modo que lhe é impossivel voltar para trás. O avanço do disco faz-se por meio de um segmento dentado, que engrena com o eixo e que está ligado á alavanca.

Um pouco antes de terminar a linha uma campainha avisa o operador que deve fazer avançar o papel, o que se realiza fazendo girar o botão collocado no cylindro, de modo que o papel avance o espaço de uma linha.

É evidente que a escripta Braille da machina Nowák é, como todas as outras analogas, muito mais rapida do que a escripta feita sobre a pauta, em que se tem de premir o punção tantas vezes quantos forem os pontos que tem a letra a representar, ao passo que aqui uma simples pancada produz immediatamente a letra. Esta superioridade é ainda mais notavel com relação aos caracteres vulgares em relevo pontuado, que no systema Ballu obrigam o cego a marcar até quatorze pontos para fazer uma letra (M maisculo, por exemplo).

Ainda a esta vantagem, de si importantissima, junta a nova machina de escrever as seguintes:

1.^a Os caracteres Braille podem ser produzidos, rapida e facilmente, em qualquer papel em cujo fabrico não tenha entrado a madeira.

2.^a A escripta pode ser lida immediatamente e pode portanto ser corrigida, fazendo desaparecer os pontos marcados entre as unhas dos dois pollegares; fazendo recuar o carro e imprimindo de novo a letra.

3.^a Se um cego quer corresponder-se com um vidente que não conhece os caracteres Braille, tira o disco que tem na periphèria estes caracteres e substitue-o pelo disco que tem os caracteres vulgares em relevo pontuado, que elle imprime pelo modo indicado.

4.^a Se é um vidente que pretende escrever a um cego, colloca no eixo o disco dos caracteres Braille e tomando a alavanca e orientando-se pela abertura, que percorre o segmento de circulo, escreve os caracteres que elle pode até ignorar. Deste modo a machina Nowák resolve completamente o problema da correspondencia entre o cego e o vidente, o que só podia em verdade alcançar-se pelo emprego de uma machina de escrever que produzisse a escripta convencional e a vulgar. Obtinha-se apenas meia solução pelo emprego dos alphabetos vulgares que permitem ao cego escrever ao vidente, que só poderá responder se conhecer um alphabeto convencional.

A machina é solidamente construida pela firma Jan Szczepanik & C^o que já tinha sido a constructora de importantesapparelhos para as industrias textis, inventados pelo sr. Emilio Nowák.

O Sr. consul Nowák não pretende alcançar capitaes pela sua notavel invenção; pretende pelo contrario reduzir quanto possivel o preço de venda da sua machina, que não será superior a 40 florins de Austria¹.

A diminuição do preço será tanto maior quanto maior fôr o numero de encommendas recebidas.

Os directores dos Institutos de Vienna, onde a machina foi ensaiada, e o Sr. Heller, do Instituto Israelita, e o nosso amigo o Sr. conselheiro de estado A. Mell, do Instituto Imperial e Real, acharam-na excellente.

O inventor communica-nos que a Rainha da Rumania, a excelsa princeza e illustre escriptora conhecida no mundo litterario pelo pseudonymo de Carmen Sylvia, cuja philanthropia é universalmente conhecida, lhe fez a encommenda de cinco machinas de escrever.

Na Redacção do *Jornal dos Cegos*, Rocio, Lisboa, receberemos com prazer encommendas da machina do Sr. Nowák, que transmittiremos ao seu inventor, como nos encarregaremos de lhe transmittir o pedido de quaesquer informações que pretendam os nossos leitores.

E seja-nos permittido lembrar que os nossos benemeritos protectores dos cegos presariam um relevante serviço aos seus protegidos, adquirindo uma dessas machinas e offerecendo-a a uma das instituições destinadas ao ensino dos cegos.

ALVARO COELHO.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Der Blindenfreund—Jahrgang xx, n^o 11, 15 November 1900. Düren. Summario: *X. Blindenlehrer-Kongress* (10.^o congresso de professores de cegos)—*Anton Moritz Groepler*, A. Mell.—*Einige bisher noch nicht gelöste Fragen bezüglich des Druckes von Büchern*

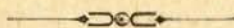
¹ 24\$360 reis ao cambio actual.

für deutsche Blinde (Algumas questões ainda não resolvidas relativamente á impressão de livros para os cegos allemães), iv, J. Mohr.—*Zur Frage des gemeinsamen Einkaufs von Bürstenmaterial* (Acêrca da questão da compra em commum do material para escovas), Vermeil, Brüger e Wagner.—*Zur Abwehr!* (Resposta!) Meyer.—*Vermischtes. Aus der Tagespresse* (Variedades. Da imprensa diaria).

Le Valentin Haüy—18^{me} année, n° 11, novembre 1900. Summario: *Étude sur les questions traités au Congrès international de 1900 pour l'amélioration du sort des aveugles* L. Rousseau.—*Encore un mot sur l'exposition annexée au Congrès*, Gilbeau.—*Chronique de l'Association—Courrier de Suisse*, Georgina Maillefer—*Correspondance—Nouvelles et renseignements*.

L'Amico dei Ciechi—Anno xxiv, n° 185, novembre 1900. Florença. Summario: *A Parigi.—Il Congresso di Milano.—Notizie varie*.

Revue internationale de Pédagogie Comparative—2^{me} année, n° 8, 25 octobre 1900. Nantes e Paris. Summario: *Le traitement des enfants idiots et arriérés en Belgique*, Dr. Ley—*Situation de l'Enseignement relatif aux indisciplinés en Italie*, M. Zaglia—*Correspondance*, L. Ferriani—*Congrès international pour l'amélioration du sort des aveugles. Memoire*, Guilbeau—*Réforme de l'Enseignement*, Bureaufoibe—*Congrès international de la condition et des droits des femmes. Vœux adoptés par la Commission d'organisation—Livres et Revues—Informations—Congrès*.



NOTICIARIO

1. Como succede todos os annos, alguns benemeritos encarregaram o nosso *Jornal* da tarefa, que elle cumpre, sempre, com o maior prazer, de distribuir donativos pelo Natal e Anno Bom aos cegos indigentes. Este anno a somma recebida foi de 43\$000 réis e com ella foram contemplados 86 pobres cegos, dos 350 de que possuímos os nomes. Aproveitámos esse ensejo para fazer um inquerito acêrca das causas da cegueira, a situação dos cegos, sua instrucção, etc. Esse inquerito permittir-nos-ha depois dar informações completas acêrca dos nossos protegidos.

2. O nosso Curso e Officinas tem continuado a desenvolver-se, apesar do meio nacional não ser favoravel a tentativas da natureza da nossa, o que nos prova, que entre nós, o cego vae reconhecendo a necessidade de sair da ignorancia a que tem sido condemnado. Os nossos cursos actualmente são frequentados pelos cegos: Alfredo Fernandes, João Maia, Domingos do Nascimento, João Henriques, Albino Amoedo, e pelas cegas: Theresa Lopes, Palmyra Antunes, Palmyra Mendes e Deolinda Rodrigues. Nas officinas de cesteiro e palheiro trabalham os cegos Rodrigues da Costa e Adolpho Lobato e o aprendiz João Maia. Patrocina ainda o nosso *Jornal* os trabalhos de malha da cega Amelia Sampaio e o de dois afinadores cegos. Juntando a estes o nosso ajudante cego Marcos Barreiros, temos um total de 15 cegos occupados já com os modestos recursos de que dispomos.